

jornada de
estudos
MITO
POÉT
ICOS



Monstros e Heróis

Tolkien, Mito e Fantasia

Caderno de Resumos

2021

I Jornada de Estudos Mitopoéticos
Monstros e Heróis: Tolkien, Mito e Fantasia

Grupo de Estudos Mitopoéticos (GEM),
subordinado ao Grupo de Pesquisa em
Produções Literárias e Culturais para Crianças
e Jovens III (CNPq/USP)

Coordenação
Profa. Dra. Maria Zilda da Cunha

Organização
Cristina Casagrande
Diego Klautau
Eduardo Boheme

Realização
CELP/FFLCH-USP

SUMÁRIO

(clique nos nomes ou nos títulos)

Apresentação · Cronograma (manhã) · Cronograma (tarde)	
Beatriz Masson	Entre homens e monstros: a lenda do lobisomem na construção do personagem Remo Lupin, de <i>Harry Potter</i>
Bruno Matangrano	Os homens como monstros, os monstros como heróis: <i>Les Centaures</i> , de André Lichtenberguer
Cássio Dalpiaz	De Jerusalém a Gondolin: um encontro na heroicidade da missão profética
Cristina Casagrande	Huan e Carcharoth: o destino do mastim de Valinor nas garras do lobo de Angband
Eduardo Boheme	Trolls: a palavra e a coisa em <i>O Hobbit</i> e <i>Harry Potter</i>
Elane Costa e Silva	A ganância de Eustáquio e sua draconicidade: tradução do texto escrito para o cinema
Elton Medeiros	Monstros e os antiquários: <i>Beowulf</i> em uma abordagem decolonial
Emanuelle Gomes	A Estética do personagem dúbio: <i>Edward Scissorhands</i> , de Tim Burton
Érica Fontes	O Cabeça de Cuia, monstro e vítima: a presença do mito nas diferentes versões
Fernanda Correia	Tecendo medos: as aranhas e o Mal nas obras de J.R.R. Tolkien e Jeremias Gotthelf
Gesner Las Casas	Os monstros e as ruínas: Tolkien, <i>Beowulf</i> e a Inglaterra da Alta Idade Média
Giovanna Chinellato	Dragões na casinha de cachorro: dragões na literatura e no cinema para crianças
Goimar Dantas de Souza	Caçadores de estrelas: uma análise dos protagonistas de <i>Stardust</i> , de Neil Gaiman, e “Bárbara”, de Murilo Rubião
Guilherme Mazzafera	Um dragão incomoda muita gente: poesia tolkieniana e o ciclo da <i>Baía Bimble</i>
Guilherme Cavalcanti	O lugar Idade Média: monstruoso para além do dragão
Lígia Menna	Bruxas, fadas e mulheres sábias em Hans Christian Andersen
Muriel Araújo Lima	Os monstros e o autor: a obra pictórica de J.R.R. Tolkien
Paulo César R. Filho	Metamorfozes do herói em Madame d’Aulnoy
Sandra T. Valenzuela	Rumpelstiltskin: o duende monstruoso dos Grimm e sua releitura na série <i>Once Upon a Time</i>
Victoria Barros	Criando um herói a partir de monstros: uma discussão da classificação arquetípica de Boromir de Gondor
William Alves	O Outro monstruoso na fantasia como discussão de temas de inclusividade

I JORNADA DE ESTUDOS MITOPOÉTICOS – 2021

Monstros e Heróis: Tolkien, Mito e Fantasia

O Grupo de Estudos Mitopoéticos (GEM), linha subordinada ao Grupo de Pesquisa em Produções Literárias e Culturais para Crianças e Jovens III (CNPq/USP), da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH/USP), liderado pela Profa. Dra. Maria Zilda da Cunha, realizará a sua primeira Jornada de Estudos Mitopoéticos no dia **25 de junho de 2021**, de maneira síncrona e online.

A jornada marca a primeira fase do grupo de estudos, que se concentrou na leitura de *Beowulf* e assuntos relacionados, sempre tomando a literatura e o pensamento de J.R.R. Tolkien como referência. Com o tema “Monstros e Heróis: Tolkien, Mito e Fantasia”, a I JEM visa abordar interdisciplinarmente os estudos do mito, dos contos de fadas, da fantasia e gêneros correlatos, representados por diversos autores desde a antiguidade até os dias atuais.

Consideramos que o tema é pertinente na realidade em que vivemos, numa pandemia em que o medo, a monstruosidade e a heroicidade se configuram e se ressignificam de distintos modos no imaginário humano. Assim, revisitar os conceitos de herói e de monstruosidade da antiguidade, do medievo, do período moderno ou identificá-los na atualidade, por meio da literatura comparada, contribui para o conhecimento das diversas facetas do ser humano diante dos desafios atuais, em consonância ou dissonância com os passados.

Visto que o grupo se situa na linha de pesquisa de “literatura e outras formas do saber”, a proposta da jornada se abre a outras disciplinas em diálogo com os estudos literários, compreendendo as diversas expressões artísticas (cinema, séries, quadrinhos etc.) e outros campos do conhecimento (como filosofia, história, filologia e ciências sociais).

Data: 25 de junho de 2021

Horário: 9h às 19h

Plataformas: GoogleMeet para inscritos, com transmissão ao vivo pelo canal da FFLCH no Youtube.

CRONOGRAMA (MANHÃ)

MEDIAÇÃO: CRISTINA CASAGRANDE

9h00-9h30	A monstrosidade dos Orques de J.R.R. Tolkien: ontologia, corrupção e redenção	Diego Klautau
9h30-10h00	Perguntas	
10h00-10h15	Huan e Carcharoth: o destino do mastim de Valinor nas garras do lobo de Angband	Cristina Casagrande
10h15-10h30	Um dragão incomoda muita gente: poesia tolkieniana e o ciclo da <i>Baía Bimble</i>	Guilherme Mazzafera
10h30-10h45	O lugar Idade Média: monstruoso para além do dragão	Guilherme Cavalcanti
10h45-11h00	Os monstros e as ruínas: Tolkien, <i>Beowulf</i> e a Inglaterra da Alta Idade Média	Gesner Las Casas
11h00-11h15	Monstros e os antiquários: <i>Beowulf</i> em uma abordagem decolonial	Elton Medeiros
11h15-11h30	Tecendo medos: as aranhas e o Mal nas Obras de J.R.R. Tolkien e Jeremias Gotthelf	Fernanda Correia
11h30-11h45	Criando um herói a partir de monstros: uma discussão da classificação arquetípica de Boromir de Gondor	Victoria Barros
11h45-12h00	De Jerusalém a Gondolin: um encontro na heroicidade da missão profética	Cássio Dalpiaz
12h00-12h15	A ganância de Eustáquio e sua draconicidade: tradução do texto escrito para o cinema	Elane Costa e Silva
12h15-12h30	Dragões na casinha de cachorro: dragões na literatura e no cinema para crianças	Giovanna Chinellato
12h30-13h00	Perguntas	
13h00-14h30	Almoço	

CRONOGRAMA (TARDE)
MEDIAÇÃO: EDUARDO BOHEME

14h30-14h45	Trolls: a palavra e a coisa em <i>O Hobbit</i> e <i>Harry Potter</i>	Eduardo Boheme
14h45-15h00	Entre homens e monstros: a lenda do lobisomem na construção do personagem Remo Lupin, de <i>Harry Potter</i>	Beatriz Masson
15h00-15h15	O Cabeça de Cuia, monstro e vítima: a presença do mito nas diferentes versões	Érica Fontes
15h15-15h30	O Outro monstruoso na fantasia como discussão de temas de inclusividade	William Alves
15h30-15h45	A estética do personagem dúbio: <i>Edward Scissorhands</i> , de Tim Burton	Emanuelle Gomes
15h45-16h00	Os homens como monstros, os monstros como heróis: <i>Les Centaures</i> , de André Lichtenberguer	Bruno Matangrano
16h00-16h15	Metamorfoses do herói em <i>Madame d'Aulnoy</i>	Paulo César R. Filho
16h15-16h30	Bruxas, fadas e mulheres sábias em Hans Christian Andersen	Lígia Menna
16h30-16h45	Rumpelstiltskin: o duende monstruoso dos Grimm e sua releitura na série <i>Once Upon a Time</i>	Sandra Valenzuela
16h45-17h00	Caçadores de estrelas: uma análise dos protagonistas de <i>Stardust</i> , de Neil Gaiman, e “Bárbara”, de Murilo Rubião	Goimar de Souza
17h00-17h15	Os monstros e o autor: a obra pictórica de J.R.R. Tolkien	Muriel Araújo Lima
17h15-17h45	Perguntas	
17h45-18h00	Intervalo	
18h00-18h30	Por que precisamos de heróis?	Carlos Caldas
18h30-19h00	Perguntas	

RESUMOS DAS COMUNICAÇÕES

(EM ORDEM ALFABÉTICA DE NOME DOS AUTORES)

Entre homens e monstros: a lenda do lobisomem na construção do personagem Remo Lupin, de *Harry Potter*

Beatriz Masson

A lenda do lobisomem, em que um indivíduo abandona sua racionalidade e corpo humano para se tornar um lobo monstruoso, impiedoso e assassino a cada lua cheia, faz parte do imaginário coletivo desde a Antiguidade. Do mito do rei Licaão da Arcádia, popularizado por Ovídio, passando pelas narrativas da Idade Média (SCONDUTO, 2008) e chegando na Era Moderna, diversas histórias se dedicaram a mostrar a agonizante metamorfose do homem em monstro. Na contemporaneidade, a série *Harry Potter* (1997), de J.K. Rowling, também traz essa lenda à composição de seu enredo com a apresentação do personagem Remo Lupin. Mais do que comparar a narrativa de lobisomem que Rowling criou para a sua mitologia com histórias que a precederam, iremos mostrar como Lupin, em sua condição de licantropia, representa aquilo que há de mais rico na série: os personagens ambíguos. Diferentemente de outros personagens dos livros, Lupin realmente vive cindido entre a faceta humana e a monstruosa, sem a opção de abdicar desta última — e é justamente por não ter essa opção que seu *ethos* se firma em valores ligados à bondade e à virtude. Nossa comunicação pretende, portanto, explorar a construção dessa convivência entre homem e monstro e suas significações dentro do enredo de *Harry Potter*.

Os homens como monstros, os monstros como heróis: *Les Centaures*, de André Lichtenberguer

Bruno Matangrano

Ao criar seu mundo ucrônio e, até certo ponto, utópico, com a publicação de *Les Centaures*, em 1904, o escritor francês André Lichtenberguer, não apenas lançava aquela que é considerada a primeira fantasia francesa, como também relia o imaginário greco-romano, em uma perspectiva inovadora, decadente, pessimista e anti-anthropocentrista. Em sua obra, somos apresentados a um mundo governado por centauros, filhos do sol, gentis guardiões das planícies, que juntamente com seus irmãos, os faunos dos bosques e as sereias das águas protegiam as demais criaturas, controlando o furor dos predadores, a quem era negado matar, regulamento assim aquele mundo primevo. No entanto, a raça humana acaba por surgir, vinda de lugares distantes, e sem respeitar os princípios igualitários estipulados pelos centauros, ataca, caça e destrói tudo ao seu redor, em sua ânsia por conquistar. Tal comportamento quebra o frágil equilíbrio natural e termina na trágica morte de todos os membros das três espécies reais e no conseqüente e distópico domínio antropocêntrico daquele mundo inominado. Diante dessa síntese do romance de Lichtenberguer, o presente trabalho pretende discutir a inversão dos tradicionais estereótipos do monstro e do herói presentes na mitologia greco-romana e a releitura pós-simbolista e deca-

[Voltar ao sumário](#)

dente realizada pelo escritor francês, de modo a mostrar o deslocamento do olhar e o exercício do outrar-se na concepção mitopoética da primeira fantasia de língua francesa, que, ao mesmo tempo, convida a uma pioneira visão ecocrítica. Para tanto, recorreremos aos estudos que se debruçam sobre a figura do monstro, como os de Júlio Jeha e José Gil, assim como sobre a própria noção de alta fantasia, conforme teorizada por Anne Besson, Marie-Lucie Bougon, dentre outros, e, ainda, aos estudos ecocríticos, tais como o de Greg Garrard.

De Jerusalém a Gondolin: um encontro na heroicidade da missão profética

Cássio Dalpiaz

Esta comunicação trata da relação figural na ação profética em Jerusalém e Gondolin a partir da narrativa bíblica e da obra de J.R.R. Tolkien, encontrando-se na heroicidade dos profetas que aí exerceram sua missão. Apesar de jamais ter admitido que sua obra fosse ligada a algum tipo de alegoria, a subcriação, como Tolkien chamara o processo criativo literário, necessariamente beberá das fontes as quais ele teve contato, como todo autor. Tal fenômeno não rouba absolutamente a originalidade daquele que compõe. A nova roupagem dada a um tema permitirá, entretanto, aproximações, nas quais podemos encontrar a Figura manifesta, como propusera Auerbach, entre a realidade imediata do Mundo Primário, e a obra do autor, o subcriador do Mundo Secundário. Este texto nasce de uma exposição no curso intitulado “As obras póstumas de J.R.R. Tolkien: Uma homenagem a Christopher”, no qual a queda da Cidade Élfica Mítica de Gondolin foi relacionada à queda de Jerusalém.

Huan e Carcharoth: o destino do mastim de Valinor nas garras do lobo de Angband

Cristina Casagrande

O conto de Beren e Lúthien, de J.R.R. Tolkien, tem a importante participação de dois canídeos mágicos de forças equivalentes e ídoles opostas: Huan, o cão lobeiro de Valinor, e Carcharoth, o grande lobo de Angband. Huan, que viera da Terra Abençoada, passou a ser o fiel guardião da elfa Lúthien e, conseqüentemente de Beren, contribuindo decisivamente para a demanda da Silmaril. Carcharoth, por sua vez, fora um lobo criado e alimentado pelas próprias mãos de Morgoth com o intuito de destruir a vida de Huan, cuja sina era a morte até que falasse três vezes — o que de fato ocorreu, porém, não sem antes Huan tirar também a vida de Carcharoth. Tendo em vista esses dois perfis de canídeos mágicos na Terra-média, o objetivo da comunicação é apresentar brevemente suas características, bem como discorrer sobre a importância da participação de ambos para o desenvolvimento da narrativa. Além disso, visa-se buscar a relação de tais personagens com outros canídeos presentes nos mitos e/ou contos de fadas que dialoguem com tais personagens. Dessa forma, buscaremos compreender melhor a relação desses animais mágicos com os personagens principais da narrativa, sejam eles caracterizados como monstros ou heróis da história.

Trolls: a palavra e a coisa em *O Hobbit* e *Harry Potter*

Eduardo Boheme

O propósito desta apresentação é discutir os trolls em *O Hobbit*, de J.R.R. Tolkien, e em *Harry Potter*, de J.K. Rowling. Tolkien não inventou os trolls, mas, como fez com outras criaturas, a exemplo dos Anões e Elfos, popularizou-os e deu contornos mais nítidos a características anteriormente difusas desses monstros. Igualmente, Rowling contribuiu de certa maneira para consolidá-los em meio aos seus leitores. Nessa apresentação, falaremos um pouco sobre os próprios monstros, conforme representados por Tolkien e Rowling e discutiremos a própria palavra *troll* e suas correlatas, falando sobre suas origens e desdobramentos nas obras em questão.

A ganância de Eustáquio e sua draconicidade: tradução do texto escrito para o cinema

Elane Costa e Silva

A comunicação versará sobre a transformação de Eustáquio — personagem do livro *O Peregrino da Alvorada*, volume de *As Crônicas de Nárnia*, de C. S. Lewis — em dragão, analisando como a imagem foi traduzida do texto escrito para o filme homônimo produzido pela Walden Media e pela Fox em 2010, dirigido por Michel Apted. Percepção de um ato criativo e interpretativo de apropriação/recuperação; um engajamento intertextual extensivo com a obra adaptada. (HUTCHEON, 2013), no estudo comparativo entre as obras, o trecho a ser destacado será as facetas de monstruosidades de Eustáquio, demonstradas em suas características, interesses pessoais, fazendo uma relação com a transformação em dragão. Esse personagem faz alusão ao mito do dragão Fáfnir (LANGER, 2013) que, corrompido por um tesouro, transforma-se em dragão para guardá-lo. A ganância de Eustáquio o leva para o mesmo caminho.

Monstros e os antiquários: *Beowulf* em uma abordagem decolonial

Elton Medeiros

Desde o início dos estudos sobre a Inglaterra Anglo-Saxônica, o poema *Beowulf* sempre despertou interesse, principalmente em relação às suas origens e as personagens que lhe fazem parte — principalmente o herói Beowulf e os monstros que enfrenta. Nesta apresentação, abordaremos como a interpretação da obra foi por longo tempo feita quase exclusivamente por meio de visões nacionalistas do século XIX, o que começou a ser desconstruído apenas a partir de Tolkien nos anos de 1930, mas que ainda persistem nos dias de hoje. Demonstraremos como, através da análise das personagens e do poema, é necessário a busca por uma abordagem decolonial da obra para melhor compressão do poema na atualidade. Desvinculando o herói Beowulf e seus monstros de supostas narrativas folclóricas nacionais do norte europeu moderno ao (re)inseri-los em seu contexto medieval de origem.

A estética do personagem dúbio: *Edward Scissorhands*, de Tim Burton

Emanuelle Gomes

Considerando o filme *Edward, Mãos de Tesoura*, do diretor Tim Burton, buscamos analisar o protagonista, Edward: um “monstro”, focando na questão do duplo, na imagem que as pessoas com quem ele passa a conviver fazem dele, e na figura do herói que representa para aqueles que se dispuseram a entendê-lo verdadeiramente. Quando Edward recebe a visita de Peg, a vendedora de cosméticos, constrói-se uma importante relação de alteridade. Como um conto de fadas gótico, a jornada em busca de compreender-se como um ser existente, que procura integrar-se à sociedade, se estabelece um pertinente debate sobre as relações humanas. De início, a aparência de Edward suscita medo e aversão, mas, assim que ele se insere em um grupo de pessoas, mostra a sua face ingênua e bondosa, conquistando-os. É a partir desse fato a inversão de papéis aparece na narrativa, ou seja, as pessoas consideradas normais é que se tornam “monstruosas”. Essa discussão parece perpassar todas as áreas do saber e, através da estética gótica, a questão da alteridade, as manifestações morais e psicológicas tanto da personagem, quanto das pessoas com quem ele passou a conviver, são metaforizadas numa narrativa que faz críticas aos nossos julgamentos com os que são considerados “diferentes”.

O Cabeça de Cuia, monstro e vítima: a presença do mito nas diferentes versões

Érica Fontes

Pretende-se pesquisar as características mitológicas da estória “O Cabeça de Cuia”, uma das narrativas orais mais conhecidas do Nordeste e a mais famosa do Piauí. Crispim é um pescador que mora com sua mãe em extrema pobreza. Certo dia, ao voltar do trabalho, tudo o que há para ele comer é uma sopa de osso. Crispim revoltado, lança o osso sobre a cabeça da mãe, tirando sua vida. Antes de morrer, ela joga a panela na cabeça dele e o amaldiçoa — o rapaz vira um monstro condenado a vagar pelos rios Poti e Parnaíba. A força da lenda impulsiona muitas versões com detalhes modificados — de quadrinhos a games, que preservam o núcleo narrativo da estória, o mito em si. Em *Interrupted Music* (2005, p. 45), Verlyn Flieger afirma que “O mito é centrado na cultura, e as preocupações da cultura vão inevitavelmente dar forma e conduzir o mito”. Uma pesquisa sobre a graphic novel *Cabeça de Cuia: a dor que antecede a praga*, de Ednaldo Carvalho, a música “Cabeça de Cuia”, da banda Teófilo e a adaptação infantil *Crispim: o menino do rio*, de Célia Revilândia possibilitarão uma análise mais profunda dessa narrativa mítica e de sua importância para a manutenção da cultura piauiense.

Tecendo medos: as aranhas e o Mal nas obras de J.R.R. Tolkien e Jeremias Gotthelf

Fernanda Correia

As aranhas são animais comuns que podem ser encontrados em qualquer lugar do mundo, mas também estão presentes em algumas mitologias como monstros e criaturas traiçoeiras. Jeremias Gotthelf escreveu em 1842, inspirado em lendas medievais, a novela *A Aranha Negra*, na qual uma mulher, após tentar enganar o Diabo, é transformada em uma aranha e espalha a Peste Negra por sua aldeia. Na obra de J.R.R. Tolkien, as aranhas são uma presença constante, sempre caracterizadas como criaturas más. No entanto, em *O Silmarillion*, uma aranha, Ungoliant, também faz um acordo com o Mal, mas ela é quem acaba sendo ludibriada. Nas duas obras observaremos as aranhas, caracterizadas como personagens femininas, que lidam diretamente com a maldade e realizam pactos com ela, acabando por pagar o seu preço. Observaremos a construção das duas personagens, suas relações com o demônio e como, a partir de tais episódios, um mal maior manteve-se na Terra mesmo após a destruição de ambas.

Os monstros e as ruínas: Tolkien, *Beowulf* e a Inglaterra da Alta Idade Média

Gesner Las Casas Brito Filho

J.R.R. Tolkien é conhecido do público em geral como o celebradíssimo autor de *O Senhor dos Anéis* e das demais obras que compõem o legendário de fantasia da Terra-média. Porém, além disso, Tolkien teve uma carreira de sucesso como acadêmico, filólogo e especialista em literatura e língua da Alta Idade Média inglesa. O objetivo deste trabalho é analisar de que forma os monstros, as ruínas (construções) e a ruína (ideia de civilização em decadência), elementos presentes na arte e literatura da Inglaterra da primeira Idade Média, foram apropriados por Tolkien em sua escrita de fantasia e em seus trabalhos como acadêmico.

Dragões na Casinha de Cachorro

Giovanna Chinellato

Este trabalho analisa as representações de dragões na literatura infantil e no cinema para crianças e suas associações imagéticas e conceituais a animais de estimação. Longe de serem os monstros devastadores de outrora, os dragões de narrativas infantis como Falkor, Banguela e Pete mais se parecem cães e gatos em pele de dragão, buscando gravetos, abanando o rabo e ronronando. Os protagonistas dessas narrativas também não se assemelham em nada aos matadores do passado e deixam de lado as lanças e escudos para se tornar, em verdade, salvadores de dragão. Essas transformações vão muito além da busca por uma imagem mais familiar e carismática para o público jovem, elas refletem a forma como a sociedade encara a natureza e como é vista atualmente a relação entre crianças e animais.

Caçadores de estrelas: uma análise dos protagonistas de *Stardust*, de Neil Gaiman, e “Bárbara”, de Murilo Rubião

Goimar Dantas de Souza

A comunicação pretende lançar luzes sobre as semelhanças e diferenças presentes nos personagens Tristran Thorn, do romance *Stardust*, de Neil Gaiman, e o narrador do conto “Bárbara”, de Murilo Rubião. Ambos realizam esforços desmedidos para concretizar os desejos esdrúxulos de suas amadas, que, em determinado ponto das respectivas tramas, lhes pedem uma estrela. Situados sob as constelações dos gêneros maravilhoso (*Stardust*) e fantástico (“Bárbara”), perceberemos nos dois textos personagens masculinos dotados de características que remetem ao “amor cortês” típico das históricas do medievo. E, recorrendo ao auxílio precioso dos gêneros nos quais residem as narrativas afeitas à magia, à fantasia, ao estranho e ao suprarrealismo, nossos protagonistas — cada qual sob o signo de uma jornada do herói bastante singular — enfrentam mil peripécias nas sagas sempre desafiantes de provar seu amor.

Um dragão incomoda muita gente: poesia tolkieniana e o ciclo da Baía Bimble

Guilherme Mazzafera

No final dos anos 1920, Tolkien compôs uma breve série de poemas conhecida como “Tales and Songs of Bimble Bay”, centrados na região da Baía Bimble, imaginativamente localizada na costa inglesa. Deste conjunto, composto a princípio por seis poemas e dos quais quatro foram publicados, emerge um agudo contraste, no entremeio profuso do satírico com o fantástico, entre os perniciosos efeitos de uma modernização acelerada (“Progress in Bimble Town”) e a presença recalcitrante de seres extraordinários como Glip (do poema homônimo) e o dragão sem nome de “The Dragon’s Visit”. Nesta comunicação, buscamos apresentar estes poemas pouco estudados, a fim de pensá-los no âmbito da poesia tolkieniana, incluindo seus possíveis vínculos com o legendário da Terra-média.

O lugar Idade Média: monstruoso para além do dragão

Guilherme Cavalcanti

O objetivo desta comunicação é apresentar as conclusões de pesquisa de iniciação científica sobre o medievalismo presente em *O Hobbit*. O trabalho buscou entender as ideias de Tolkien sobre o medievo, para além de tópicos narrativos presentes no livro, como passagens de *Beowulf*. A conclusão foi que o entendimento de Tolkien sobre este período está presente na forma como o meio ambiente é valorado e como as personagens se relacionam com ele, associando o medievo a um período pré-industrial e mais orgânico. Apesar de focado no texto, o trabalho também se beneficiou das interlocuções com as ilustrações feitas pelo autor para o

livro, além de comparações com outras produções suas na década de 1930 e com suas cartas, levando igualmente em consideração o contexto em que viveu Tolkien. Para esta ocasião, a fim de exemplificar estas conclusões, a apresentação focará em dois momentos significativos da narrativa em relação ao meio ambiente: as aventuras até a Montanha Solitária; e os acontecimentos na Desolação de Smaug. No primeiro momento, o meio dinamiza a narrativa, sendo o possibilitador de suas aventuras; no segundo, as personagens, valorizando as ações e personagens sob esta relação, explorando a ideia de monstruoso para além do dragão.

Bruxas, fadas e mulheres sábias em Hans Christian Andersen

Lígia Menna

Em diferentes representações do feminino, bruxas e fadas são uma constante no universo da fantasia, sendo inclusive esperadas em narrativas denominadas genericamente como contos de fadas. Nem sempre nomeadas como bruxas ou fadas, mulheres sábias de toda sorte, ora deusas, ora humanas, herdeiras das parcas e moiras, estão presentes em muitos contos de Hans Christian Andersen, como condutoras dos caminhos dos protagonistas, marcando seu destino, nem sempre com um final feliz. Em meio a simbologias que remetem tanto a preceitos cristãos quanto elementos da cultura popular nórdica, Andersen nos apresenta um amálgama cultural instigante, de raízes mitológicas e muito atual que por si só já justifica um debruçar apurado sobre sua produção. A partir da perspectiva dos estudos comparados, de forma crítica e analítica, esta comunicação objetiva refletir sobre as bruxas, fadas e mulheres sábias nos contos *A Rainha da Neve*, *A Pequena Sereia* e *o Jardim do Éden*, de Hans Christian Andersen, estabelecendo diálogos com o maravilhoso pagão e o imaginário cristão, destacando o protagonismo feminino.

Os monstros e o autor: a obra pictórica de J.R.R. Tolkien

Muriel Araújo Lima Garcia

J.R.R. Tolkien é conhecido principalmente como o escritor de alguns dos mais importantes livros de fantasia do século XX, entre eles *O Senhor dos Anéis* e *O Silmarillion*. Contudo, Tolkien também produziu uma vasta obra pictórica composta por pinturas e desenhos, em que materializou sua visão do mundo fantástico que desenvolveu através da escrita. Nessas imagens Tolkien incluiu diversas criaturas, como dragões, trolls, águias e outros seres de sua imaginação. Propomos uma análise dessas figuras fantásticas na produção pictórica tolkieniana, comparando-a e contrastando-a com os escritos do autor, de forma a melhor compreender o papel dos elementos não-humanos em sua visão de fantasia.

Metamorfoses do herói em Madame d’Aulnoy

Paulo César Ribeiro Filho

A presente comunicação tem por objetivo demonstrar a primordialidade das metamorfoses do herói e da heroína nos contos de fadas de Marie-Catherine Le Jumel de Barneville, a Madame d’Aulnoy (1650–1705), autora do primeiro conto de fadas literário (“A Ilha da Felicidade”, de 1690) e cunhadora do termo “conto de fadas”. Tendo por base teórica os estudos divulgados por Marina Warner em “*Fantastic Metamorphoses, Other Words*” (Oxford University Press, 2002), evidenciaremos as consequências narratológicas advindas da fratura entre corpo e intelecto em personagens humanos tornados animais e sobre a humanização de animais não-metamorfos (ou seja, animais propriamente ditos, mas com dons feéricos) como coajduvantes dos protagonistas. Para isso, apresentaremos exemplos retirados de uma série de contos, dentre eles “Bibelô”, “O Golfinho”, “O Pássaro Azul”, “Serpentino Verde”, “A Corça no Bosque”, “O Príncipe Javali” e “A Princesa Roseta”.

Rumpelstiltskin: o duende monstruoso dos Grimm e sua releitura na série *Once Upon a Time*

Sandra Trabucco Valenzuela

A presente comunicação propõe uma reflexão sobre a personagem Rumpelstiltskin, protagonista do conto dos Irmãos Grimm, publicado pela primeira vez em 1812, no primeiro volume de *Kinder- und Hausmarchen*. A narrativa apresenta um duende capaz de transformar palha em ouro e que está sempre disposto a fazer acordos. Interesseiro, Rumpelstiltskin sempre tenta tirar vantagem dos tratos que empreende com pessoas, em geral, desesperadas. Contudo, o duende já fazia parte da tradição europeia, tendo sido publicado pela primeira vez pelo escritor alemão Johann Fischart (1546–1590) na obra *Geschichtklitterung* (1575), que consiste numa versão estendida do clássico *Gargantua*, de François Rabelais, de 1534. Por sua vez, a série de televisão *Once Upon a Time*, produzida entre 2011 e 2018 pela rede ABC/Disney, apresenta uma releitura do personagem Rumpelstiltskin. Dentre as características da personagem dos Grimm que foram adaptadas, destaca-se a modificação de seu aspecto, pois ele deixa de ser um duende, para se tornar uma mistura de personagens de contos de fantasia: torna-se a Fera, Capitão Gancho, além do próprio Rumpelstiltskin. Como no conto dos Grimm, Rumpel de OUAT também fia ouro, o que o associa às Moiras, seres mitológicos que teciam com o fio da vida. Rumpelstiltskin é um personagem ambíguo que transita entre o bem e o mal. Para analisar o personagem, nos valeremos de Candido (2010); para elementos da literatura infantil e juvenil, trabalharemos com Coelho (2002) e Hunt (2010) e com a primeira temporada da série *Once Upon a Time* (2012).

Criando um herói a partir de monstros: uma discussão da classificação arquetípica de Boromir de Gondor

Victoria Barros

A presente comunicação tem como objetivo discutir as classificações de Boromir de Gondor segundo a crítica arquetípica, principalmente a relação entre o personagem e os Orques. O personagem Boromir de Gondor, criado por J.R.R. Tolkien, aparece em *A Sociedade do Anel* e é descrito como ‘proud’. O termo, que pode ser traduzido tanto por *orgulhoso*, quanto por *altivo*, revela a dúbia natureza do personagem. Ao longo da narrativa, ele é seduzido pelo Um Anel e após revelar sua ambição desmedida, reconhece-a e arrepende-se, para, então, morrer lutando contra Orques — seres monstruosos e considerados malignos na mitologia de Tolkien. Por essa natureza dual, muito se especula sobre o papel arquetípico do personagem na trama. Por vezes, ele é considerado a Sombra e, por isso, um vilão; outras vezes, é considerado o *Self* e, consequentemente, um herói. Este último ponto de vista é frequentemente baseado na morte de Boromir pelos Orques, considerando como chave interpretativa o espectro moral no qual se encontram. A comunicação, então, pretende debater essa ambiguidade através de análises feitas por outros autores segundo os conceitos da crítica arquetípica e da psicanálise analítica criada por Carl G. Jung.

O Outro monstruoso na fantasia como discussão de temas de inclusividade

William Alves

Essa comunicação propõe demonstrar como, na fantasia moderna, pode-se encontrar reflexos do monstruoso na construção societal das figuras do “outro”. Para tal, serão utilizados personagens como Tyrion Lannister (da série de livros “A Song of Ice and Fire”, de George R.R. Martin), Tom Brightwind e David Montefiore (do conto “Tom Brightwind or How the Fairy Bridge was Built at Thoresby”, de Susanna Clarke) e Geralt de Rivia (protagonista da saga de livros “The Witcher”, de Andrzej Sapkowski). Se, como propõe Magris (2009), o romance é, realmente, o “instrumento cognitivo privilegiado” do mundo moderno, vale entender o que essas visões de problemáticas do “outro” étnico, religioso e capacital dizem sobre a cognição coletiva de tais figuras.